

O FOLGUEDO MARUJADA BRINCADO/DANÇADO NO ACRE: TRADIÇÃO CARNAVALIZADA QUE INTEGRA A CULTURA CORPORAL DO ESTADO AMAZÔNICO*

THE MARUJADA FOLGUEDO PLAYED/
DANCED IN ACRE: CARNIVAL
TRADITION THAT INTEGRATES THE
BODY CULTURE OF THE AMAZON
STATE

Anderson Pereira Evangelista 1
Adriane Corrêa da Silva 2

Resumo: O texto trata de um estudo referente ao grupo de MARUJADA do Acre. O objetivo da pesquisa empírica foi descrever como constitui-se o grupo, fazendo uma incursão por sua historicidade, através das narrativas de um "corpo brincante" e do mestre precursor. A pesquisa configura-se como qualitativa, descritiva e de campo. Os instrumentos utilizados para obtenção de dados foram: entrevista e diário de campo. Na discussão trazemos todo o fazer folclórico do grupo em categorias de análise que decorrem dos objetivos. Navegando com os marujos do "Brig Esperança", constata-se a riqueza que há no folguedo marujada, bem como sua importância para a cultura corporal amazônica e para o estado do Acre.

Palavras-chave: Cultura Popular. Corpo Brincante. Amazônia.

Abstract: The text deals with a study concerning the MARUJADA, a Brazilian group from the state of Acre. The objective of the empirical research was to describe how the group is constituted, making an incursion for its historicity, through the narratives of a "playful body" and the precursor master. The research is configured as qualitative, descriptive and field-related. The instruments used to obtain data were: interviews and field diary. In the discussion, we bring all the folkloric make-up of the group into categories of analysis that arise from the objectives. Navigating with the "Brig Esperança" sailors, we found the richness that there is in the marujada, as well as its importance for the Amazonian body culture and the State of Acre.

Keywords: Popular Culture. Playful Body. Amazon.

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Acre. 1
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade
Federal do Acre. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4713253565461334>. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-0436-4357>.
E-mail: andersonevangelistacs@gmail.com

Professora Adjunta do Centro de Ciência da Saúde e do Desporto da 2
Universidade Federal do Acre. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3618966068565551>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4994-227X>.
E-mail: adriane.acs@gmail.com

* Pesquisa empírica apresentada como Trabalho de Conclusão de
Curso (TCC) para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física
pela Universidade Federal do Acre.

Introdução

A cultura corporal das populações humanas é tecida continuamente dentro de um processo de construção histórica, e congrega as práticas corporais. Do brinquedo inventado às manifestações populares, o lúdico toma lugar e permite ao corpo ter extensões, produções e possibilidades. O homem, enquanto fazedor de cultura, está imerso nesta relação, efetivando trocas significativas com o outro; com aquele que cria, reproduz, brinca e mantém viva as tradições que contam histórias de um povo.

O Brasil, tido como o gigante da América do Sul, é um país singularmente miscigenado. Reúne diversas culturas e manifestações oriundas de outras partes do mundo, e também aquelas aqui criadas, resultado do hibridismo, que se desenhou (CANCLINI, 2011). Do Passinho carioca¹ ao Baque do Acre², a cultura simboliza a forma de viver e expressar aquilo que somos, uma vez permeados de historicidade do lugar a que pertencemos (SANTOS, 2006; LARAIA, 2001).

Nesse emaranhado de culturas que se encontram e desencontram, está a cultura popular, rica do início ao fim, feita por gente, para gente (LARA, 2011). Dentro da cultura popular estão os folguedos, que são brincadeiras e/ou danças dramáticas, caracterizadas pela encenação de costumes; permeada por uma história contada ao ritmo da música, da dança, dos elementos indumentários e cênicos que a compõem. No folguedo o corpo brincante assume um papel de contador, que conecta o presente a um passado de luta, de conquista, de libertação, devoção e adoração (CASCUDO, 2000; OLIVEIRA, 2006; NEVES, 2013).

Entre os vários folguedos populares do Brasil está a Marujada. Típica das regiões Norte e Nordeste, é considerada uma importante representação cultural, de caráter popular do folclore brasileiro. Participam deste folguedo, homens (geralmente nos instrumentos musicais), mulheres, nas danças e encenações, e crianças, também nas encenações. Muitos historiadores relatam que a Marujada surgiu em Portugal, como um festejo comemorativo, no contexto das conquistas e descobertas marítimas dos séculos XVI e XVII.

Quando chega ao Brasil, trazida por colonizadores portugueses, sofreu influências, assumindo novas características. Em alguns lugares a Marujada tem forte relação com a religiosidade, através do sincretismo conferido ao Santo Preto São Benedito, padroeiro de Bragança/PA e Jacobina/BA (LUÍNDIA, 2003; MIRANDA, 2004, FREIRE, 2013).

No Estado do Acre existe um grupo de Marujada capitaneado pelo mestre de cultura Seu Aldenor³; que pratica o folguedo em uma versão carnavalesca. Com o intuito de conhecer o grupo e seu fazer folclórico, formulou-se a seguinte questão norteadora da pesquisa: como se constitui o grupo de Marujada do Acre Brig Esperança? Desta decorrem questões mais específicas: Como o grupo foi criado? Quais as características do grupo? Quais influências musicais e danças constituem o fazer folclórico do grupo? Como a tradição é repassada para as gerações futuras?

Com o estudo objetiva-se descrever como se constitui o grupo, situando-o historicamente, descrevendo suas características, identificando as influências musicais e as danças que se fundem para a Marujada, além de relatar o processo de passagem da tradição. Importante destacar que optou-se por uma escrita brincante diante do objeto de pesquisa, que nos convidava para tal viagem marítima. Com isto propõe-se uma leitura leve e instigante para conhecer a Marujada do Acre, ora trazendo trechos das músicas.

1 "O "passinho do menor da favela", "passinho foda" ou simplesmente passinho, como se tornou conhecido Brasil afora, é um fenômeno cultural surgido nas comunidades periféricas da cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 2000" (SILVA, 2015, p.14).

2 Trabalho musical que registrou a memória dos seringais do Acre produzida por mestres tradicionais.

3 Seu Aldenor, é o nome do entrevistado. Optou-se em manter seu nome de registro, pois este é uma figura, pessoa pública, fazedora de cultura, muito conhecida no Estado do Acre. A utilização de seu nome de registro, nesta pesquisa, tem seu consentimento.

Traçado Metodológico da Pesquisa

O caminho metodológico trilhado para realização da pesquisa tem como ponto de partida a caracterização do estudo quanto à abordagem, aos objetivos e aos procedimentos. O presente estudo é de cunho qualitativo, e de acordo com Silveira e Córdova (2009, p.31), “[...] a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.”, o que se configura como uma das principais características deste tipo de abordagem.

No tocante aos objetivos, caracteriza-se como descritiva, uma vez que o “[...] estudo descritivo trata-se do estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada” (CERVO, BERVIAN e SILVA, 2007, p. 48). Tratando-se dos procedimentos, ou seja, da fonte de informação, a pesquisa se enquadra como de campo. Severino (2007, p. 123) destaca que:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Para que fosse possível conhecer o grupo de perto constituiu-se, enquanto campo empírico da pesquisa, o local dos ensaios e pequenos bailes da Marujada, visto que o grupo se reunia em um dos dias da semana na Casinha de Ocupação Cultural, situada na Rua Granada, nº 50, bairro Abraão Alab em Rio Branco/AC.

De forma a enriquecer a pesquisa, o grupo foi acompanhado em uma de suas apresentações no Mercado Velho, situado no centro da capital acreana, na Segunda-feira de carnaval, dia 12 de fevereiro de 2018. Elegeu-se, enquanto sujeitos da pesquisa; “um corpo brincante” e o mestre de cultura do Grupo Marujada “Seu Aldenor”.

E para dar sentido a essas escolhas entendeu-se que a história oral seria o método adequado para a investigação, ou seja, a partir das entrevistas de escuta da história oral se obteve a compreensão do passado do Grupo Marujada (CPDOC, 2020).

Destarte, através da história oral, mesmo sabendo de sua variedade de práticas, optou-se pela entrevista, a qual está vinculada aos objetivos da pesquisa, sendo que o tratamento dos dados empíricos, bem como as práticas e os dados variam em seus critérios, ficando a cargo do programa e do pesquisador a adoção mais adequada para esse tratamento. Neste caso, utilizamos as entrevistas para registro, além da análise descritiva (ABHO, 2020).

Instrumentos de Pesquisa

Como instrumentos para obtenção dos dados utilizou-se, como foi citado, duas entrevistas. Uma com um corpo brincante de Marujada, e outra com o mestre precursor. É importante destacar que ambos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), através do qual autorizaram a utilização de suas falas e nomes para fins acadêmico-científicos (MINAYO, 2001; SEVERINO, 2007). Mesmo assim, optou-se em utilizar somente o nome do Seu Aldenor, enquanto nome de registro, a outra entrevistada é um nome fictício.

A realização das entrevistas ocorreu nos dias 09 e 19 de fevereiro de 2018. Seu Aldenor (nome de registro), por ser uma pessoa pública fazedora de cultura, é conhecido como mestre da cultura do estado do Acre e protagonista indissociável da Marujada. Ele recebeu os pesquisadores na residência de uma de suas filhas, situada na Rua Cruzeiro do Sul, nº 93, Conjunto Esperança I em Rio Branco/AC. A entrevista foi realizada por volta das 10h da manhã.

Flor de Liz, que nesta pesquisa é identificada como o corpo brincante da Marujada, recebeu os pesquisadores em sua casa na tarde do dia 19 de fevereiro, por volta das 17 horas. Flor de Liz é um nome fictício por entender que ela é parte integrante do “corpo brincante”, e participa de um coletivo reconhecido como tal, por isso não utilizamos seu nome de registro. As entrevistas foram gravadas com o uso de um aparelho celular e posteriormente transcritas

para análise.

Outro instrumento utilizado foi o diário de campo, em que foram sendo registradas as observações do campo de pesquisa. Somados aos dois instrumentos, tinha-se dados empíricos para esboçar a análise (MINAYO, 2001).

Delineamento da pesquisa

Para trazer uma sequência organizacional na descrição do nosso fenômeno, traçou-se uma rota marítima por onde irá navegar-se. As categorias, aqui, listadas são como portos onde estarão ancorados os navios, na intenção de descer e brincar com o texto que aqui se constrói.

As categorias surgiram das questões de investigação e dos objetivos previamente estabelecidos, os quais orientam este estudo, que tem sua continuidade em alto mar, na análise e discussão dos dados. A tabela a seguir demonstra as categorias de análise:

Tabela 1. Categorias de Análise

PORTO A	Processo Histórico
PORTO B	Caracterização do grupo
PORTO C	O fazer folclórico: corpos brincantes, músicas e danças, encenação, indumentária e objetos
PORTO D	A tradição e sua continuidade

Fonte: EVANGELISTA & SILVA (2020)

A discussão dos dados se dá à luz do referencial teórico que fora construído para embasar a pesquisa. Na sequência se apresentam os achados com base nas categorias acima descritas.

Analisando e Discutindo os Dados

“Suspende o ferro marujo, já é hora de navegar”⁴

A viagem a bordo do navio Brig Esperança⁵ começa com a retirada da âncora do fundo do mar. Todos os marujos estão preparados. Nesta navegação será conhecido o importante folguedo popular que enriquece a cultura corporal acreana. Em cada porto será aberto um pergaminho onde estão inscritos saberes, culturas, artes, ludicidades e brincadeiras. Através das narrativas de um griô⁶ acreano-seringueiro, e de um corpo que a brinca, será conhecida a Marujada do Acre.

Porto A: Processo Histórico

Situar historicamente o Grupo de Marujada Brig Esperança é um desafio. Registros documentais que relatem a história do grupo, não existem, mas pode ser contada por um mestre de cultura popular, que desde o final da década de 1940 brinca de Marujada no estado do Acre. Seu Aldenor da Costa Souza é natural de Cruzeiro do Sul; a segunda maior cidade do Acre, situada no Vale do Juruá, especificamente, na microrregião de Cruzeiro do Sul.

Esse mestre fazedor de cultura é hoje o precursor da Marujada no estado, que junto

4 Trecho da marchinha de entrada do Grupo de Marujada Brig Esperança.

5 Nome dado ao navio do grupo.

6 Aquele que guarda os saberes e fazeres da tradição. Os sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país.

de sua família preserva a tradição, mantendo-a viva no decorrer dos anos. Cumpre salientar que nas primeiras décadas do século XX, a principal atividade econômica do estado era a extração do látex (LIMA, OGANDO e NASCIMENTO, 2016). Seu Aldenor, portanto, foi seringueiro durante boa parte de sua vida. Morando em Cruzeiro do Sul, deslocava-se para as chamadas colocações como os seringais⁷ Grajaú e Outro Preto, para cortar seringa, mas todo ano, quando se aproximava o carnaval voltava para cidade e brincava Marujada, como ele mesmo diz:

[...] Todos os anos eu vinha para Cruzeiro do Sul, antes do carnaval um mês. Digamos que vinha em janeiro, aí ensaiava um mês e já tocava marujada em fevereiro. Porque no inverno seringueiro não corta, corta algum dia. Aí eu vinha fazer minha marujada e voltava para minha colocação de novo.

Seu Aldenor relata que aprendeu a Marujada ainda criança, com um mestre que veio de Manaus (AM), e a quem é atribuída a criação do Grupo Brig Esperança:

Eu era pequeno, tinha entre 8 e 10 anos. Eu comecei brincando como marinheiro, aí aprendi, quando eu aprendi, e já sabia da marujada, comecei a tocar por minha conta. Aprendi com o finado Oswaldo Galego que veio de Manaus com a marujada. Essa marujada já veio de lá. Isso faz muitos anos, hoje eu tenho 75 anos, eu era criança e o Oswaldo já brincava lá em Cruzeiro do Sul.

Levando em consideração a idade de seu Aldenor, podemos datar a chegada da marujada ao Acre na década de 1950, e desde que ele aprendeu têm mantido a tradição carnavalesca, como uma brincadeira que ao decorrer da história se inscreveu como prática da cultura popular do estado.

Na imagem a seguir, trazemos um registro fotográfico do mestre de cultura em ação, cantando e dançando o folguedo marujada em uma das noites de carnaval em Rio Branco/AC.

Figura 1. Seu Aldenor – O mestre Precursor da Marujada do Acre



Fonte: GURGEL, Diego Lourenço (2018)⁸

⁷ A unidade produtiva e social da economia da borracha. Constituída na posse de uma imensa área de terra. O **seringal** se constituía de: um barracão central, onde residia o patrão seus capatazes e o guarda-livros; o barracão onde os seringueiros compravam os gêneros de necessidade (alimentos, roupas e equipamentos), bem como servia de depósito para a borracha recolhida.

⁸ Disponível em: <<https://agencia.ac.gov.br/marujada-e-ensaio-de-bateria-marcam-quarta-noite-de-carnaval-em-rio-branco/>> Acesso em: 25 de Jul. de 2020.

Segundo Neves (2013, p.37): “[...] Os folguedos acontecem em geral nas ruas, nas praças, em ocasiões de festa, sendo que alguns invadem as casas, num trânsito entre os espaços doméstico e público”. Flor de Liz neste estudo, o corpo brincante, nos conta como era a Marujada antigamente:

[...] Tinha várias Marujadas, não tinha uma só, em Cruzeiro do Sul tinham várias. E nessa que o seu Aldenor brincava, eles frequentavam às vezes 30 casas. As pessoas convidavam a marujada para fazer as partes nas casas. Tinha a parte do gajeiro que é o único personagem criança que tem na Marujada; e eles faziam uma parte do gajeiro, outros faziam a parte dos maquinistas, porque tem o primeiro maquinista, segundo maquinista, cabo foguista, e aí tem vários personagens segundo as patentes que comandam o navio em si. E aí cada qual com seu papel. E aí essas pessoas os chamavam para se apresentarem e em troca elas davam alguma coisa ou era pagamento em dinheiro ou era um alimento, fazia uma ceia para as pessoas que iam brincar; e aí tinha alguma coisa em troca. Mas a maioria das vezes era uma ceia que eles comiam nessas casas, festejavam e bebiam, então era uma tradição deles.

Depois de décadas brincando Marujada em Cruzeiro do Sul, seu Aldenor muda-se para capital Rio Branco. Pai de 14 filhos – fato comum entre os mais antigos – ele mantém a tradição da Marujada através da sua continuidade com a ajuda de 4 filhos que o acompanham, além dos demais integrantes. Na capital acreana, a Marujada Brig Esperança têm encontrado apoio junto às fundações de cultura Elias Mansour e Garibaldi Brasil.

No decorrer dos anos, muitos brincantes passaram pelo grupo, incluindo artistas e fazedores de cultura que contribuíram significativamente na organização e divulgação da Marujada junto aos órgãos incentivadores.

Logo, é chegada a hora de partir nesta viagem, a bordo e num passeio em alto mar conhecendo a Marujada.

Porto B: Caracterização do Grupo

*“Vamos marujos para bordo, dar um passeio em alto mar”.*⁹

A Marujada do Grupo Brig Esperança é uma versão carnalizada do folguedo. É brincada o ano inteiro, mas é na época de carnaval que o grupo tem a agenda cheia. Realizam pequenos bailes, participam do carnaval cultural organizado pela Prefeitura de Rio Branco. Além disso, o grupo é convidado diariamente por programas de Rádio e TV's locais para divulgar o trabalho que desenvolve. É composto por cerca de 22 integrantes, entre brincantes e músicos, além dos marujinhos, que são os filhos dos brincantes, como destaca Flor de Liz:

Os marujinhos, por enquanto, são os netos do seu Aldenor, os filhos dos integrantes mesmo. O meu filho que eu levo o Ben Iaco. Minha filha Luanda que já foi algumas vezes canta as musiquinhas. Ela tem dois aninhos, mas já canta. Os netos do seu Aldenor, o filho da Janete que é o Kelvin. O filho da Leila, que é o Lucas, inclusive ele já canta. Agora ele é o nosso gajeiro, já canta a música toda do gajeiro, que uma parte que só a criança faz. Tem o Arthur que é filho da Rosa que é outra filha do seu Aldenor. Os filhos do Alexandre que é o Moisés e o Ravi. O Ravi vai pouco, mas o Moisés vai mais; ele já é músico, toca caixinha. Ele já fez muitas apresentações com a gente, só

9 Neste trecho de uma das marchinhas os marujos são convidados a entrarem no Navio Brig Esperança.

que ele está precisando treinar mais; porque como é criança ele se desliga e aí não está muito interessado algumas vezes. Para ele aquilo é uma brincadeira, então nós levamos mais como brincadeira, mas ele vai sempre às apresentações e toca.

O grupo é formado por pessoas de diferentes segmentos, desde donas de casa à artistas (atores e dançarinos). O corpo brincante que contribui com sua narrativa para construção deste trabalho, por exemplo, é Engenheira Florestal e tem forte ligação com populações tradicionais. Flor de Liz é carioca de Niterói (RJ), veio para o Acre, em 2006, a trabalho, e aqui conheceu a Marujada. É ela quem está à frente do grupo, responsável pela organização no que diz respeito à submissão de projetos, agenda e arquivamento de registros, como fotografias e reportagens.

As reuniões para ensaios ocorrem normalmente às quintas-feiras, a partir das 18 horas, na Casinha de Ocupação Cultural, que se localiza no bairro Abraão Alab em Rio Branco. Este espaço era um quiosque abandonado e ocioso que foi revitalizado por artistas locais, e hoje é utilizado para realização de pequenos bailes, intervenções artísticas, atos político-culturais e outros.

Para sua manutenção, o grupo capta verbas através de projetos que são submetidos à editais das fundações de fomento que concedem pequenos apoios, como explica Flor de Liz:

Nós captamos verba através dos projetos mesmo. Nós já fizemos o Jamaxi Cultural. Agora na minha gestão, eu estou gerindo esses projetos. Eu cadastrei meu nome, eu sou responsável burocraticamente. Como não somos um grupo formalizado não temos CNPJ, então meu CPF é utilizado para submeter os projetos. Captamos verba através de pequenos apoios. Agora aprovamos cinco projetos em cada etapa. Fizemos agora o pré-carnaval, e o baile de carnaval do clube da marujada foi também com apoio da Fundação Garibaldi Brasil. Nós já fizemos também nas escolas, temos essa proposta de levar para as escolas para que a marujada seja cada vez mais disseminada.

A viagem de descoberta a bordo do Brig Esperança, vai levar agora ao porto mais colorido, cheio de movimento, que brinca, canta, “folcloriza” a vida, tornando-a leve e cheia de significados.

Porto C: O Fazer Folclórico

Corpos brincantes

O corpo brinca, é brincante, é cultural. Os vários corpos que brincam a marujada não obedecem a padrões de idade, peso, altura, religião, cor, etnia, eles simplesmente são abarcados pela cultura. Soares e Terra (2007, p.102) atestam esta afirmativa quando colocam:

Mas o corpo é sempre terreno misterioso, de difícil acesso e que esconde seus segredos. Remetido ora à natureza, ora à cultura, o corpo é mesmo lugar sensível dessa delicada interconexão. Ou, talvez, ele seja mesmo o testemunho mais verdadeiro de que sua *natureza* vem sendo, na longa duração, *cultural*.

Os corpos, enquanto brincam a marujada, se divertem, vivem uma experiência lúdica que é verdadeira, séria, e necessária para a vida humana. Friedrich Froebel é enfático quando nos diz da importância do brincar:

[...] A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – da vida natural interna no homem e

de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo... A criança que brinca sempre, com determinação auto ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente torna-se um homem determinado, capaz de auto sacrifício para a promoção do seu bem e de outros [...] Como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação (FROEBEL, 1912c, p. 55 apud KISHIMOTO, 2015, p. 68).

Seu Aldenor, em sua simplicidade, expressa o encantamento que tem pela brincadeira quando diz: “a marujada é uma das coisas mais bonita que eu já vi em Rio Branco. É uma brincadeira muito animada”. O brincar presente na marujada reverbera a sutileza e a ludicidade do folguedo.

Figura 2. Os corpos brincantes



Fonte: EVANGELISTA; SILVA (2018)

Durante os ensaios é perceptível a comunhão entre os brincantes. Os corpos dialogam em uma atmosfera folclórica que transmite sentimentos bons. Flor de Liz relata como se sente quando está junto ao grupo:

É muito bom! Como eu faço parte de uma geração que é tipo um limite do tempo; eu vou poder contar a história desses velhos, porque eu vivi com esses velhos. Então é meio que um momento limiar da história, que você pode perpetuar de certa forma. Coisas que eu vivi quando criança, e que eu ainda tenho prazer de viver hoje, então é muito bom. E outra coisa nós estamos dando vida para o seu Aldenor. Uma pessoa que aprendeu e que viveu uma vida fazendo isso, que é muito bom você cantar, independente de você ter uma profissão que te leve a isso; é muito maior. Espiritualmente falando, é uma coisa que desenvolve muito, a sua sensibilidade, você mexer com música é uma coisa que te leva a uma consciência maior do mundo, do cosmo, das pessoas que estão ali convivendo com você. Para mim é uma coisa mística muito maior.

A fala do corpo brincante traduz o entendimento de corpo que Nóbrega sintetiza ao colocar que: “É preciso reconhecer o corpo como corpo vivo, lúdico, trágico, portador de múltiplos sentidos; um corpo associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à poesia, ao sensível e ao invisível” (NÓBREGA 1990 apud VIANA, 2013, p.25). É um corpo atravessado por historicidade, que durante a vida vai sendo inscrita, em um movimento contínuo.

Músicas e Danças

“O Clube da Marujada que saiu a passear, com a rua cheia de flores para o rei momo passar”.

O trecho acima é da marchinha intitulada Clube da Marujada. A apresentação da Marujada Brig Esperança é iniciada e finalizada com esta marcha. Outro trecho diz: *Oh abre-alas que eu quero passar*¹⁰, e os marujos da alegria vem dançando e festejando em ritmo de carnaval; balançam os seus lenços e saúdam os espectadores.

A musicalidade que compõe a marujada é híbrida. Ritmos musicais como a Marcha, o Samba de coco, a Valsa e o denominado *Samba Acreano* integram a trilha sonora deste folguedo. A Marchinha, por sua vez, tem sua origem vinculada a Portugal¹¹. Os sambas descendem de matriz africana¹² e a Valsa é um gênero musical essencialmente europeu, originado na Áustria e na Alemanha¹³.

Os instrumentos musicais utilizados são: Banjo, Violão, Trompete, Pandeiro, Surdo e caixinha. Com o passar do tempo foram incorporados novos instrumentos oriundos da cultura indígena, dentre eles estão: Os tambores *Ashaninka*¹⁴ e as maracas, imprimindo uma singularidade ao folguedo, que protagoniza a mistura de culturas. As sonoridades produzidas com esses instrumentos caracterizam as danças na marujada. Os passos executados seguem o mapeamento musical referente ao ritmo, se traduzindo em movimentos diversos e complementares que se encontram na brincadeira, rompendo o distanciamento. Eis a ousadia da Marujada Brig Esperança.

Os brincantes organizam-se em fila dupla para dançarem as coreografias. Durante a apresentação, realizam evoluções diversas de acordo com cada música. Flor de Liz nos fala como são os movimentos na Valsa: “[...] Os movimentos na valsa imitam o remar, se faz um movimento como se fosse um remo com os cacetes”.

Podemos ver, portanto, que as danças na marujada constituem a brincadeira, a maneira de se expressar e de contar histórias.

Encenação, Indumentária e Objetos

A maioria dos folguedos populares possui uma parte dramatizada, em que os brincantes encenam um ato dentro do enredo que se insere a brincadeira. Flor de Liz descreve como é essa parte na marujada:

Então começa o auto os marujos chegando e cantando aquela música: Vamos marujos para bordo, dar um passeio

10 GONZAGA, Chiquinha. Ó Abre Alas. Rio de Janeiro: Dobrado Carnavalesco de Não Venhas, 1899. Disponível em: <<http://www.chiquinhagonzaga.com/acervo/?musica=o-abre-alas>> Acesso em: 25 jul. 2020.

11 Primeira Marchinha composta por Chiquinha Gonzaga em 1899, feita para o cordão carnavalesco Rosa de Ouro. Disponível em: <<http://www.formulacultural.org.br>>. Acesso em: 05 de Mar. de 2018.

12 Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2015/02/conheca-as-origens-do-samba-brasileiro>> Acesso em: 05 de Mar. de 2018.

13 Disponível em: <<http://foreverdanca.blogspot.com.br/2013/02/valsa.html>>. Acesso em: 05 de Mar. de 2018.

14 “Pertencem à família linguística Aruak e têm população de 804 (oitocentos e quatro) indivíduos. Ocupam quatro T.I. assim distribuídas: a) Rio Breu, no município de Marechal Thaumaturgo; b) Rio Amônia, no município de Marechal Thaumaturgo; c) Rio Primavera, no município de Tarauacá; d) Isolados do Envira, no município de Feijó” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 42).

em alto mar, aí já começa essa parte dos marujos, e aí vão se apresentando as patentes. Porque esse folguedo é um auto que conta sobre um motim no navio que o imediato tenta pegar o lugar do comandante. Nesse auto tem as músicas, danças e encenações. E nessa encenação o imediato diz para o capitão que ele está cansado e que há anos ele tenta ser Comandante. Então ele diz que o comandante pode esperar que as pessoas ficarão do lado dele e, é o contrário. E o comandante manda prender esse imediato, e ele joga uma praga, diz que o navio vai ficar à deriva, como se ele tivesse algum poder espiritual para isso. Então tem a parte da fala, em que ele vê que está todo mundo em perigo, ele pede perdão, roga a Nossa Senhora que salve o navio e que se estabeleça novamente a paz. O Comandante diz que se estabeleça novamente a ordem, e aí todos se ajoelham e pedem perdão. Tem a parte que é mais voltada para o lado religioso, Nossa Senhora Aparecida é a que vem no navio. A história precisa ser bem contada. Tem os maquinistas, porque o navio é a vapor. E aí tem uma parte que o comandante diz: primeiro maquinista veja se tem vapor suficiente para assumir a revolução deste posto até a barra, aí ele vê, observa se o navio está preparado. Então ele diz a mesma coisa para o segundo maquinista: segundo maquinista veja se tem vapor suficiente para assumir a revolução desse posto até a Barra, então ele fala para o terceiro maquinista que diz para o Cabo foguista: Cabo Foguista veja se tem vapor suficiente para assumir revolução deste posto até a Barra. E o Cabo foguista responde: Pronto meu terceiro, na caldeira desse bote temos três atmosferas, na de bom bordo cinco com vapor suficiente para assumir revolução deste posto até a Barra, e aí a resposta vem voltando do terceiro maquinista até chegar ao comandante.

Quanto à indumentária, os marujos usam o que eles chamam de farda militar. Todos independente do sexo, vestem uma calça branca com uma fita azul de um lado e amarela do outro. A blusa é na cor azul, com detalhes em branco, característica de marinheiro. Apenas o comandante e os imediatos usam a blusa na cor branca. Na cabeça utilizam um gorro, exceto, o comandante e os imediatos que usam um quepe de oficial.

Os marujos ainda utilizam na apresentação dois objetos indispensáveis para caracterização da Marujada: o lenço e o cacete de madeira, como relata Flor de Liz:

Os objetos são o lenço e o cacete. O que é uma coisa interessante, porque o cacete foi introduzido pela cultura africana, daquela coisa do maculelê, e já misturou com a cultura dos africanos que vieram nesses navios. Foi colocado mais um elemento na marujada. As fitas coloridas presentes nos cacetes são mais para caracterizar a festa, dar cor, vida, o objetivo é carnavalizar mesmo.

E ainda acrescenta:

Nós também utilizamos os lenços que são para balançar. Antigamente as pessoas davam tchau balançando o lenço. Eu acredito que o uso do lenço veio justamente disso; as pessoas usavam muito o lenço para se despedir das embarcações. Em uma das músicas diz assim: **O navio suspende os ferros, marinheiro vai embora**. Aí nós balançamos o lenço dando tchau para os marinheiros.

A Marujada tem ainda o estandarte e o navio Brig Esperança, ambos com sua simbologia, como destaca Flor de Liz:

Então eu acho que isso simboliza a mística mesmo da brincadeira que é no mar, era no mar e veio parar no rio, e que é uma tripulação dentro de um navio. Simboliza nosso navio. E o estandarte é uma coisa que todo grupo de cultura popular leva para simbolizar Quem Somos Nós. Nós somos a Marujada Brig Esperança; podem existir outras, mas essa somos nós, essa é nossa identidade então é importante o grupo ter o estandarte.

Segue-se, agora, rumo ao último porto de nossa viagem no Brig Esperança, para conhecer sobre a passagem da tradição.

Porto D: A tradição e sua continuidade

A tradição da Marujada é uma herança cultural passada de pai para filho. É através do fazer, do querer aprender junto ao grupo, do brincar, que se internaliza a Marujada. Estando imerso no folguedo, os saberes vão sendo inscritos no corpo, como enfatiza Viana (2013, p. 153): “Os brincantes dançam, inscrevem em seus corpos histórias, memórias e as comunicam; comunicam-se consigo, com o outro, interligando passado, presente e futuro”.

Na Marujada Brig Esperança, um dos filhos do seu Aldenor canta junto, já em um exercício de passagem da tradição. Duas filhas dele dançam na frente, de maneira a demonstrar que a manifestação é passada para os seus filhos e, conseqüentemente, para os seus netos que brincam a Marujada. A oralidade enquanto meio pelo qual é transmitida a tradição, ritualiza um processo que é histórico e sempre contínuo. A presença dos marujinhos é a garantia da perpetuação da tradição.

Figura 3. A passagem da Tradição



Fonte: EVANGELISTA; SILVA (2018)

De uma forma lúdica, prazerosa, e de entrega a tradição vai sendo repassada e a marujada viva permanece na cultura lúdica do estado do Acre. A visita a este porto se encerra por aqui. É necessário seguir viagem, o destino está no horizonte, é hora de partir e subir no navio cantando: “O amor de marinheiro é amor de meia hora, quando o navio suspende o ferro marinheiro vai embora”

Considerações Finais

Terra à vista! anuncia o gajeiro. E nesta marcha colossal, navegantes e brincantes, chega-se ao destino. Todos os marujos celebram em festa a conquista. Neste percurso, inundou-se de cultura, brincou-se com o texto, explorou-se o aspecto lúdico e, dançando, atracou-se no porto da felicidade.

Aqui, nesta longa viagem marítima, descreveu-se como se constitui o grupo de Marujada do Acre Brig Esperança. Em um desenrolar brincante, situou-se historicamente o grupo, atribuindo a sua criação a um mestre de cultura que migrou de Manaus (AM) para o interior do Acre. Lá apresentou a marujada para o seu Aldenor, ainda criança. E a missão deste griô foi perpetuar o folguedo no tempo e na história. Datada de 1949, a Marujada capitaneada por seu Aldenor é, atualmente, brincada em Rio Branco; mas transita pelos municípios se apresentando e difundindo cultura.

Ainda ampliou-se a pesquisa identificando as características do grupo, como ele se organiza, onde ensaiam, quem são os marujos. Apresentou-se a organicidade do grupo que se constitui por pessoas simples, que tem suas histórias, suas profissões e responsabilidades, mas que se encontram para brincar Marujada. Possuem dificuldades, o que é inerente ao trabalho com um coletivo, mas reconhecem o valor de cada um e sua importância no cultivar a tradição e nela viver as experiências que são válidas e primordiais para o desenvolvimento social e cultural.

Mais à frente, fez-se um mergulho no fazer folclórico da Marujada Brig Esperança. Conheceu-se os seus detalhes, os corpos que brincam e guardam os saberes referentes a tradição, os brincantes que emprestam seus corpos para viver o lúdico, para brincar de faz-de-conta e, nesta conexão, interagem com os outros, sendo comunidade, sendo grupo. As músicas e as danças que permeiam os corpos; valsando, sambando e marchando eles se entregam à brincadeira. Os instrumentos musicais que são de várias culturas, e não de uma só. Índios, negros e brancos produziram e a sonoridade tornou-se plural na Marujada. Para além desses aspectos, descreveu-se a encenação do auto, que se trata de um motim no navio. A indumentária é bem característica de marujos, daqueles que trabalham em alto mar e os objetos caracterizam ainda mais o folguedo, são carregados de simbologia e agregam identidade ao grupo.

Em relação à tradição e sua continuidade, relatou-se de que forma acontece a passagem para as gerações futuras. É brincando que se aprende, é fazendo que os marujinhos vão se tornando guardiões da tradição, e os saberes da manifestação inscritos nestes corpos permanecem em movimento.

Em linhas gerais, conclui-se que a Marujada Brig Esperança é um folguedo que contribui significativamente para cultura popular do estado do Acre e do Brasil. Destaca-se pelo seu fazer folclórico que é carnalizado, resultado do encontro de culturas que se somam para compor a originalidade desta manifestação que é *Afro-indígena-europeia-nordestina*, expressando a diversidade de povo que produz cultura seja nos palcos ou lá nos seringais.

Salienta-se que este é um estudo inicial, e que é preciso uma pesquisa mais ampla, que explore profundamente os aspectos que compõem a Marujada. Mas aqui está registrado que este folguedo popular integra a cultura corporal acreana, e conta histórias a respeito das identidades do nosso povo amazônico, genuinamente brasileiro.

Referências

ABHO. Associação Brasileira de História Oral. **Apresentação**. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=24 Acesso em: 26 jul. 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CPDOC-FGV. **Entrevista do Programa de História Oral**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acer-vo/historiaoral> Acesso em: 26 jul. 2020.

FREIRE, Paula Pereira. **Cultura Lúdica de Rio Branco/AC: as pastorinhas do 2º Distrito**. 2013. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Froebel e a concepção de jogo infantil**. In: _____. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

LARA, Larissa Michelle. **O sentido ético-estético do corpo na cultura popular**. Maringá: Eduem, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar, 2001.

LIMA, Reginâmio Bonifácio de; OGANDO, Luciana Pereira; NASCIMENTO, Débora Souza do (Org.). **Uma História do Acre em retalhos**. Rio Branco: Edufac, 2016.

LUÍNDIA, Luiza Elayne Azevedo. Marujada de B (pa):(des) construções e construções. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 1, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo-2001.pdf Acesso em: 28 Jan. 2018.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. Festas e comemorações: versos, danças e memória- a festa da marujada em jacobina. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 28, 2004.

NEVES, Larissa de Oliveira. **Os folguedos brasileiros e a formação da nacionalidade**. Letra e Ato, v. 3, n. 3, 2013. Disponível em: <http://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/letraeato/article/viewFile/226/216> Acesso em: 26 de Jan. 2017.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Pesquisa Científica. In: GERHARDT; Tatiana Engel; SILVEIRA; Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, Carmen; TERRA, Vinícius. Lições de Anatomia: geografia do olhar. In: SOARES, Carmen. (Org.). **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **O Bumba-meu-boi como fenômeno estético: corpo, estética, educação**. São Luís: Edufma, 2013.

Recebido em 9 de março de 2020.

Aceito em 6 de maio de 2020.